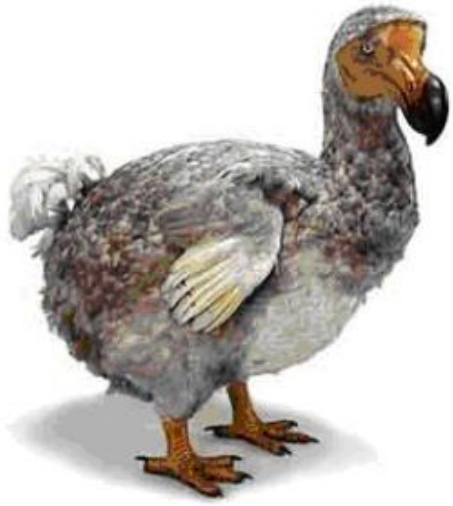
Revista Espaço Acadêmico - Nº 106 - Março de 2010
ANO IX - ISSN 1519-6186

A resistível decadência do marxismo teórico e do socialismo prático: um balanço objetivo e algumas considerações subjetivas

Paulo Roberto de Almeida*

Resumo: Marxistas e socialistas, atualmente, sobrevivem apenas nas academias, posto que os partidos comunistas, da tradição leninista são cada vez mais raros ou tem cada vez menos sucesso eleitoral. Com exceção de um grande Estado comunista, na Ásia, mas que possui uma economia quase totalmente capitalista (e reforçando esses traços), e dois pequenos países totalmente irrelevantes, o socialismo prático desapareceu dos supermercados da história, da mesma forma como marxismo teórico, que sobrevive apenas em faculdades de ciências sociais, geralmente de países pouco capitalistas. O ensaio tece considerações sobre os últimos "moicanos" desse credo decadente.

Palavras-chave: Marxismo; socialismo; decadência.



Cercando o "animal" e mostrando a arma

Advertência inicial: não creio que os fieis cultores do credo e, menos ainda, os pouquíssimos praticantes da crença nas supostas virtudes do coletivismo econômico e do planejamento estatal centralizado (aliás, não se sabe bem aonde isso poderia ainda existir...), possam apreciar esta peça opinativa – mas que não deixa de ser analítica e de diagnóstico – sobre um dos mais notórios fracassos teóricos e práticos do século 20. Acredito que eles fariam bem em deixar de ler desde já este artigo, que trata, como já antecipa o seu título, do rotundo insucesso, tanto no plano filosófico como no material, de um dos mais prometedores movimentos transformistas – atenção: não confundir com operação de mudança de gênero – que nos tenha legado o século 19. Com quase tanto sucesso quanto o freudismo – a outra ideologia dominante em nossos tempos –, o marxismo dominou de tal maneira os corações e mentes de tantos homens no século 20 a ponto de quase confundir-se com ele, e de ainda deixar um rastro facilmente identificável, embora evanescente. É minha opinião que grande parte dos leitores deste espaço ainda se deixa seduzir por seu charme muito pouco discreto, e certamente não apreciarão o que vai escrito nos parágrafos abaixo.

Mas isso não me importa muito: não estou escrevendo para os sinceramente

convertidos, pois acredito que a maior parte deles é propriamente "irrecuperável", lobotomizados que foram, anos atrás, por uma das mais atraentes filosofias da práxis que possa ter existido, sendo assim praticamente incapazes de qualquer reconversão racional. Escrevo para aqueles jovens que ainda não conseguiram forjar uma concepção geral sobre o mundo e que podem ser vítimas involuntárias ou passivas de professores motivados por um tipo de distorção ideológica que dificilmente poderia ser enquadrada nas práticas acadêmicas correntes. Está feito o alerta inicial.

Meu propósito neste pequeno ensaio é muito simples: fazer uma síntese analítica e oferecer o balanço de uma experiência – que compreende a minha própria, se me permitem a referência pessoal – em torno de um dos mais grandiosos e espetacularmente catastróficos projetos de engenharia social dos tempos modernos, equivalente, em seu escopo e pretensões teóricas, às guerras de religião e às mudanças políticas deslanchadas, justamente no início dos tempos modernos, pelas reformas protestantes que cindiram e minaram o poder material e espiritual da Igreja Católica Romana. O marxismo ostentou tantas seitas quanto o movimento protestante e, se ele chegou a ter um centro organizado e responsável teoricamente pela doutrina oficial, não conseguiu firmar-se, a despeito de um volume comparável de seguidores, como uma alternativa credível ao sistema econômico e ao regime político que ele deveria, supostamente, suceder quase que naturalmente. Desse ponto de vista, o marxismo constitui, como afirma o título do artigo, um fracasso teórico e prático.

Sete anos que mudaram o mundo...

Para um sistema e uma doutrina que, em sua fase de maior expansão, chegaram a cobrir 2/3 das terras emersas e 2/5 da população mundial, a derrocada do marxismo teórico e do socialismo prático, em não mais do que sete curtos anos de crise e queda final – de 1985 a 1992 – pode surpreender, já que a falência de ambos (mais o segundo do que o primeiro, é verdade) não se deve a um assalto frontal das hostes capitalistas, nem a um ataque em regra por parte das democracias burguesas, cabendo a *causa mortis* à falência múltipla de seus órgãos, seguida de implosão fatal. Antes que isso ocorresse, porém, sua permanência parecia relativamente garantida, posto que nem mesmo o profeta do "fim da História", Francis Fukuyama, previu, em seu famoso ensaio de 1989, a derrocada inevitável do socialismo.

A ideia socialista, especificamente em sua versão marxista, constituiu, como se sabe, uma das mais poderosas heranças teóricas do século 19, à qual veio agregar-se, já no século 20, sua derivação leninista, interessada não apenas em "interpretar o mundo", denegando viabilidade prática ao capitalismo e à democracia burguesa, mas sobretudo em transformar esse mundo, no sentido da construção de uma sociedade guiada por princípios coletivistas e baseada num regime político hipercentralizado, apelidado de "ditadura do proletariado" (de fato, um sistema totalitário regido por um partido único). A ascensão dessa ideia constituiu um dos mais notáveis fenômenos do século 20, bem mais, obviamente, do que a ideia fascista, com a qual, aliás, ela guarda diversas semelhanças de forma e alguns vínculos objetivos, até algumas relações incômodas em certas fases de sua

trajetória prática, o que não é muito bem lembrado pelos seus defensores e afiliados menos ilustrados em matéria de história. Enfim, os menos fundamentalistas ganhariam algo em conhecer os detalhes dessas relações.

Como e por que o socialismo veio a seu termo, de forma espetacular em alguns países, de maneira mais diluída, em outros, é um tema sujeito a variadas interpretações, dependendo do ponto de vista particular de quem se arrisca a uma explicação. Os trotskistas, por exemplo, acreditam que foi a degeneração burocrática do Estado soviético, com o consequente afastamento da classe trabalhadora do poder político, que passou a ser controlado por uma "não-classe social" (sic), que lançou as sementes do retorno ao capitalismo na URSS, processo identificado com a *perestroika* de Mikhail Gorbachev.[1] Resta saber como os trotskistas interpretariam o fenômeno da volta ao capitalismo – mais exatamente da construção do capitalismo – na China, com a preservação de um Estado comunista, mas talvez não se deva esperar muita coerência nos modelos explicativos de marxistas tão pouco imaginativos.

O maior especialista conhecido na história do comunismo, Archie Brown, é mais circunspecto:

> "Na escala de longo prazo, fatores sociais e econômicos são de fundamental importância para explicar como o Comunismo veio a ser *rejeitado* na União Soviética e, em conseqüência, entrou em colapso na Europa Oriental. As razões mais imediatas para as mudanças dramáticas do final dos anos 1980 foram, entretanto, o resultado de escolhas políticas particulares. As escolhas feitas foram bastante devidas, inicialmente, ao *estímulo* provocado pela falência econômica relativa, mas as mudanças políticas radicais introduzidas na União Soviética depois de 1985 não foram de nenhuma maneira economicamente *determinadas*. (...) O nacionalismo contribuiu enormemente para o colapso do Comunismo na Europa Oriental, mas na União Soviética ele tornou-se uma força poderosa, conduzindo à ruptura da URSS, apenas *depois* que mudanças fundamentais já tinham sido colocadas em vigor no sistema político. Em última instância, foi a combinação de novas ideias, poder institucional (os centros de comando do sistema político tinham caído nas mãos de reformistas radicais) e escolhas políticas (quando outras opções *poderiam* ter sido escolhidas) que levou ao final do poder Comunista na Europa."[2]

Mas não é preciso refazer aqui a história singularmente *fatídica* do marxismo e do socialismo no decurso dos seus 70

[1] Cf. Pedro Benedito Maciel Neto, "Trotski: nem profeta, nem traidor, um revolucionário e pensador original", Fundação Lauro Campos, *Socialismo e Liberdade* (18/02/2010; link: http://www.socialismo.org.br/portal/filosofia/155-artigo/1380-trotski-nem-profeta-nem-traidor-um-revolucionario-e-pensador-original). A despeito de ser um admirador de Trotski, o autor é filiado ao PCdoB; de forma não surpreendente, ele afirma que: "Não há dúvidas sobre o fato de que a revolução russa de 1917 foi o maior acontecimento da história no século XX, pois o capitalismo, sua lógica, seus principais operadores e seus estafetas foram abalados com a possibilidade de novos sistemas, econômico e político, serem implantados em todo o mundo, com a participação direta da classe trabalhadora." A despeito do que crê o trostskista-maoista, parece que o abalo ainda não foi sentido pelo sistema em questão.

[2] Cf. Archie Brown, *The Rise and Fall of Communism* (New York: HarperCollins, 2009), p. 587-588; ênfases no original.

anos de existência efetiva – e de vida útil, ou inútil, segundo se prefira – para confirmar que, hoje, tanto a ideia original quanto suas manifestações práticas estão em *decadência* irremediável. Este conceito, em sua etimologia, refere-se à queda ou abatimento, mas num sentido lato transmite noção de regressão, declínio, corrupção ou progressiva inviabilidade prática de alguma ideia ou configuração social que já teve preeminência em épocas passadas, mas que já não consegue atender às novas demandas do presente.

Nenhum observador sensato do itinerário político e econômico do século 20 poderia, em sã consciência, recusar a realidade e a materialidade – com perdão pela redundância, mas ela se impõe – da decadência do socialismo teórico e prático nas duas ou três últimas décadas. Quem pretende refutar o argumento – ou considera que se trata de simples regressão temporária, algo como uma fase de "dificuldades passageiras" – faria bem em interromper a leitura deste ensaio aqui mesmo, pois não tenho a intenção de abalar convicções tão arraigadas (e tão ingênuas).

Aos que desejam continuar a leitura, ofereço uma explicação mais concisa para essa decadência teórica e queda prática final: a ineficiência produtiva, em primeira instância, e a falência econômica final do socialismo, em última instância, enquanto "modo de produção" – para reter um conceito caro aos marxistas, mas que constitui apenas mais um fetiche terminológico dessa filosofia escatológica da história –, tinham sido submetidas a uma implacável análise econômica desde 1920, pelo economista Ludwig von Mises.[3] No plano político, como qualquer pessoa sensata pode suspeitar, todo e qualquer sistema comunista estava baseado num regime de partido único, que se confundia com o Estado, que era autoritário em sua forma mais benigna, e totalitário na pior hipótese possível, com a supressão completa de qualquer liberdade política e dos mais elementares direitos civis; sua sobrevivência dependia, assim, de um Estado policial baseado na censura total, na repressão preventiva e nos controles disseminados sobre todas as instâncias da vida privada dos cidadãos (um conceito talvez mais adequado seria o de "súditos"). Estas são as razões de sua longa permanência na Europa, na Ásia e na ilha caribenha, posto que o seu modo irracional de (não) funcionamento econômico já o teria conduzido rapidamente à implosão prematura (como o próprio Lênin descobriu rapidamente, sendo por isso mesmo *obrigado* a implantar a NEP). Não creio que seja necessário estender-me mais sobre os motivos econômicos e políticos da decadência e do fracasso final do sistema.[4]

---

[3] Ver o opúsculo analítico de Ludwig von Mises, *O Cálculo Econômico na Comunidade Socialista* (1920), disponível em inglês no site dedicado às obras desse economista: www.vonmises.org. A razão estava, simplesmente, na ausência completa dos sinalizadores essenciais a qualquer atividade econômica racional: os preços dos insumos produzidos e dos bens ofertados, que são normalmente formados num mercado submetido às leis da oferta e da procura. Preços administrados por burocratas jamais conseguiriam traduzir o princípio básico da economia, que é a lei da escassez.

[4] Para maiores elaborações em torno do mesmo tema, ver meu ensaio "Falácias acadêmicas, 8: os mitos da utopia marxista", *Espaço Acadêmico* (ano 9, n. 96, maio 2009; disponível: http://www.espacoacademico.com.br/096/96pra.pdf).

Quanto ao adjetivo "fatídico" acima empregado, tampouco caberiam extensas e detalhadas explicações para quem já ouviu falar do número verdadeiramente fenomenal de mortos – diretos e indiretos – e sobre os sofrimentos humanos acumulados por esses experimentos totalitários ao longo do século 20. Qualquer pessoa que tenha lido um pouco que seja de história, e particularmente a história do socialismo no século 20 – pode-se recomendar alguns livros de Alexander Soljenitsyn, ou a *História do Gulag*, de Anne Applebaum – e não tenha tido a mente toldada por viseiras ideológicas ou por esses mesmos professores politicamente motivados, não ousaria contestar esses simples argumentos evidentes por si só, que não são opinativos, nem constituem matéria subjetiva, mas são apenas factuais.

Pois bem, creio que não cabem muitos argumentos contrários quanto à realidade da decadência e quanto ao caráter fatídico da ideia e da prática socialista ao longo do século 20. As tentativas risíveis de ressuscitá-lo, sob a roupagem tão indefinida quanto ridícula do "socialismo do século 21", estão não apenas condenadas ao fracasso *ab initio*, como já revelam, de fato, suas limitações concretas quanto às possibilidades de produzir crescimento, prosperidade e bem-estar. A única realização efetiva desse "remake" surrealista é o caráter totalitário de sua organização política, inteiramente em linha com a tradição leninista, apenas que insuficientemente realizado em virtude da resistência da sociedade civil em consentir com tal regressão inaceitável para os padrões da vida política do século 21.

Resistível reação à decadência irresistível

Resta, então, examinar o qualificativo de "resistível" que acoplei ao conceito de decadência do socialismo. O termo pode ter duas acepções: uma passível de ser identificada com a resistência ativa dos socialistas ao seu processo de decadência prática e teórica; a outra vinculada ao fenômeno "normal" de sua diluição gradual, um pouco como o processo de perda progressiva de borbulhas em bebidas gasosas. O socialismo está sendo "desgaseificado", à medida que suas "borbulhas" ativas – que são os *true believers* e suas pretensas obras teóricas – vão desaparecendo aos poucos (*fadding* ou *vanishing away*...).

A reação e resistência efetiva dos socialistas e comunistas ao seu processo de desaparecimento – se não é uma simples luta de retaguarda de uma tribo isolada, concentrada em seu pequeno "território de caça", que é constituído geograficamente pelas faculdades de ciências sociais – dependeria de duas condições cumulativas: (a) a existência de partidos competitivos, chamados comunistas ou socialistas no sentido marxista, capazes de oferecer plataformas atrativas para uma cidadania doravante mais exigente, em sociedades largamente urbanizadas – e conectadas ao mundo – e não simples slogans redutores agitados em nações atrasadas, essencialmente rurais, nas quais o socialismo foi implantado por via de revoluções legítimas – Rússia e China, por exemplo – e não por imposição militar (como em praticamente todos os casos da Europa central e oriental após a Segunda Guerra Mundial); (b) a produção e oferecimento, por parte desses mesmos partidos e movimentos, de "soluções" aos principais problemas sociais –

aumento da renda disponível para o bem-estar social, serviços de saúde e educação satisfatórios, segurança pessoal, emprego e lazer, liberdades políticas e religiosas, etc. – que sejam reconhecidamente superiores às soluções – por certo imperfeitas – oferecidas hoje pelas democracias de mercado, que os marxistas chamam desdenhosamente de democracias burguesas ou capitalistas.

Tendo em vista que o registro histórico dos socialismos e comunismos reais, ao longo do século 20, foi particularmente infeliz (e como os exemplos remanescentes de Cuba e Coréia do Norte são ainda mais infelizes), não se vê bem como os últimos socialistas profissionais – em grande medida professores universitários e sindicalistas permanentes – poderão conseguir preencher as duas condições supracitadas. A elaboração teórica dessa tribo em via de extinção – os socialistas e comunistas, não os professores e sindicalistas – é muito pobre e os partidos que restaram já não pretendem mais construir o socialismo, que permanece, portanto, um conceito atraente apenas para nostálgicos geriátricos ou para jovens ainda mal formados (e pessimamente informados). Os poucos exemplos de "renovação teórica" do marxismo – supõe-se que ninguém pretenda renovar o leninismo – se situam todos no âmbito universitário, aqui exclusivamente constituído pelo público passivo dos estudantes inermes das faculdades de humanidades (que parecem estar cansando-se do mingau insosso que lhe é servido quase sem variações desde muitos anos). Em resumo, a "resistível reação" parece atingir apenas o reduzidíssimo número de adeptos já convencidos, não exercendo qualquer efeito prático no terreno político-eleitoral.

A seleção natural das espécies mais resistentes

Reduzidas as chances, como se constata, de "resistência ativa", resto o processo natural de seleção darwiniana, a partir de "animais" cada vez menos adaptados às novas condições ambientais do capitalismo global. Um pouco como o panda, que adquiriu comportamentos excessivamente rígidos e hábitos alimentares muito restritos, e que por isso corre o risco de extinção, os socialistas contemporâneos estão singularmente despreparados para enfrentar o mundo globalizado. Trata-se, também, de um mundo mais instruído e pouco propenso a aceitar a mensagem tradicional dos socialistas: a da revolução violenta e a posse exclusiva e excludente do poder político pelos trabalhadores organizados, o que nunca foi o caso, diga-se de passagem. Esse tipo de programa tem hoje chances mínimas de realização: mesmo em face da realidade da "exploração" e da "extração de mais-valia" por capitalistas gananciosos, poucos se deixam seduzir, hoje em dia, pela perspectiva de uma "ditadura do proletariado", embora o número dos que acreditam sinceramente nas virtudes supostas da economia socialista e centralmente planificada seja maior.

Ainda numa linguagem zoológica, não é o caso de se dizer que socialistas e comunistas correm o mesmo risco de extinção do que, por exemplo, o infeliz dodô. Ninguém, nas democracias de mercado, está "caçando comunistas" para extinguir a espécie. Os poucos exemplos de "tiro ao alvo" implacáveis na história contemporânea – no Brasil do Estado Novo e do regime militar de 1964, na Indonésia em 1965, e no Chile em 1973 – estão ligados a crises políticas agudas, com profunda divisão da sociedade em torno de projetos

alternativos muito radicais e que conduziram, justamente, à "subida aos extremos", com excessos cometidos em todos os lados.

Sem novos riscos de perseguições físicas, os comunistas e socialistas estariam, assim, condenados ao desaparecimento gradual, não fosse pela equivalência funcional desses insetos que resistem desde a era paleozóica a grandes mudanças geológicas ou até mesmo a catástrofes naturais, talvez pela sua própria inserção oportunista em pequenos nichos ambientais – que são as faculdades de humanidades[5] –, pois é certo que não se trata mais de dinossauros extremamente exigentes em termos de alimentos e ambiente. Os comunistas contemporâneos, os socialistas remanescentes – muitos deles apenas marxistas diáfanos, posto que não leram Marx, alguns gramscianos desprovidos de armas teóricas mais elaboradas desde que se foi o seu guru, trotskistas entristas, divisionistas e folclóricos – já não lutam mais pela primazia absoluta na escala zoológica (já foi-se o tempo), apenas e tão somente pela sua sobrevivência física na selva bruta do capitalismo globalizado. Eles são como esses ornitorrincos que não se sabe muito bem como classificar na árvore de Lineu, um enigma da sempre diversificada e surpreendente mãe-natureza.

Em última instância, os marxistas resistem bem em seus "nichos de mercado" – que são as faculdades de ciências sociais, mas eu sei que eles detestam essa menção a "mercados" –, especialmente em países pouco capitalistas, como o Brasil, em particular, e a América Latina, em geral, mas também em alguns bastiões do capitalismo global. Eles são, finalmente, úteis ao processo de desenvolvimento sustentável, posto que contestando a cada passo as conquistas materiais do capitalismo, questionando suas bases teóricas – como se o capitalismo precisasse mesmo de uma – e fremindo de expectativas positivas a cada nova crise do sistema, torcendo pela derrocada final. Trata-se, obviamente, de uma missão sempre bem-vinda no processo de seleção natural: espécies muito acomodadas em seus nichos naturais, estabilizadas pela falta de competição, acabam sendo presa fácil de espécies mais evoluídas ou de uma rápida mudança nas condições ambientais, se não estiverem sendo constantemente desafiadas em suas premissas básicas de existência. Acredito que, graças justamente aos marxistas, o capitalismo não corre esse risco.

Estamos falando aqui, cabe precisar, de marxistas teóricos. Quanto aos socialistas e comunistas práticos – mas quem ainda, hoje em dia, se apresenta como comunista? –, dificilmente se enquadrariam no conceito de "espécies mais evoluídas", posto que não resultaram de uma seleção natural darwiniana, e sim de uma invenção de laboratório, um pouco como aquele famoso conto sobre uma criatura fantástica, feita de diferentes partes disponíveis aqui e ali. De fato, o socialismo do século 20 – mas não existem evidências do que o seu arremedo do século 21 seja diferente, em qualquer hipótese – constitui uma assemblagem de contribuições diversas por demiurgos conhecidos: um pouco de hegelianismo radical aqui, uma dose

[5] Mesmo nesse tipo de ambiente "natural", digamos assim, a sobrevivência da ideologia já não parece tão assegurada quanto antes; ver meu artigo "Crônica do Petismo Universitário: dissolução de uma redundância?", *Espaço Acadêmico* (Ano 7, n. 77, outubro 2007, link: http://www.espacoacademico.com.br/077/77pra.htm).

de blanquismo, outro tanto de sindicalismo revolucionário, um molho de economia política inglesa, temperado com alguma filosofia política francesa, servido por profissionais de vanguarda que desaguaram no stalinismo, com uma passagem pelo despotismo asiático em sua versão camponesa. Nada de muito brilhante, se pensarmos no grau inexcedível de violência embutida em todos esses projetos de engenharia social, com seu imenso cortejo de vítimas. Mas, como sabemos, as piores tragédias humanas foram aquelas cometidas por homens decididos, que estavam tão certos de cometer o bem para os seus povos que não hesitaram em mobilizar todos os meios disponíveis para atingir seus fins supostamente beneméritos.

Ao fim e ao cabo, a história completou um ciclo de desenvolvimento muito pouco determinista. O socialismo real, de extração leninista, poderia, talvez, ter durado um pouco mais – e de fato ele perdura, sob forma autocrática, mas com um conteúdo econômico inteiramente capitalismo no país mais populoso do planeta – se ele não tivesse contrariado de forma tão canhestra a economia de mercado, que líderes incultos em economia confundiram com o sistema capitalista. Tendo contrariado as leis elementares da oferta e da procura, o socialismo do século 20 constituiu, segundo uma velha piada, a mais longa transição entre o capitalismo e o capitalismo. Não deve ser diferente com o seu arremedo atual, sob a forma do "socialismo do século 21". Espera-se apenas que este dure menos, bem menos, inclusive porque ele exibe traços de monopolização do poder político que, manifestamente, pertenceram ao outro sistema coletivista e totalitário do século 20, provavelmente irmão do primeiro...

PS.: Não espero réplicas dos encapuzados mais velhos – talvez de alguns jovens mais afoitos, preocupados com a pureza da doutrina, mas não creio – posto que aqueles se mantém em circuito fechado, dialogando apenas com os próprios iniciados, num comportamento autista que é típico das espécies ameaçadas de extinção.

---

* **PAULO ROBERTO DE ALMEIDA** é Doutor em Ciências Sociais, Mestre em Planejamento Econômico, Diplomata de carreira.